



## A EXPERIÊNCIA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENDER O TRABALHO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Vera Regina Oliveira Diehl<sup>1</sup>  
Lisandra Oliveira e Silva<sup>2</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: Experiência de vida; Trabalho docente; Educação Física;*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto tem como objetivo estabelecer um diálogo com o que vem sendo produzido na Educação, sobre a temática experiência de vida e sua influência na constituição do trabalho docente em Educação Física, na contemporaneidade.

Portanto, para atingir o objetivo realizamos uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em teóricos que centram suas análises na experiência como elemento indispensável para pensar a práxis educativa contemporânea.

### DIFERENTES OLHARES PARA COMPREENDER O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA

Para compreender as experiências de vida dos docentes de Educação Física, com suas ideias e histórias, no contexto educacional será necessário estabelecer um diálogo com teóricos como, Dewey (2010), Thompson (1981), Dubet (1994) e Josso (2004) que são alguns dos autores que apresentam ideias e contribuições importantes sobre conceito de experiência.

Dialogar com esses autores de tempos históricos tão diferentes exigiu compreender as singularidades que abrange os tempos e as condições que foram escritas às obras aqui tomadas como referências. Este exercício é fundamental na medida em que enfoca a influência e a importância que a experiência tem nas atividades educativas e, portanto, nas atividades de constituição do trabalho docente em Educação Física.

Para compreender o conceito de experiência, no pensamento de Dewey (2010), em seu contexto consideramos a obra “Experiência e Educação”. Neste livro, o autor aborda o significado das experiências e sua relação com a educação, apresentando alguns conceitos básicos para elaboração de sua teoria da experiência e suas potencialidades educacionais. Destaca que uma ação pedagógica coerente provém de uma filosofia da educação consistente. Dewey (2010) analisa, nessa obra, a necessidade de uma teoria da experiência para a educação progressista em contradição à educação tradicional.

Dewey (2010, p. 52) “chama atenção para dois princípios que são fundamentais na constituição da experiência: os princípios de interação e da continuidade”, sendo inseparáveis um do outro. Para Dewey (2010, p. 37), o princípio de continuidade da experiência significa que toda experiência tanto se baseia em algo existente nas experiências anteriores como modifica, de alguma maneira, “a qualidade das experiências subsequentes”. Já o princípio da interação acontece “entre um indivíduo, objetos e outras pessoas”. Uma experiência é sempre o que é em função da transação que acontece entre um indivíduo e aquilo que, naquele momento, constitui o seu ambiente. O ambiente, explica Dewey (2010, p. 44-5), “são quaisquer condições em interação com necessidades pessoais, desejos, propósitos e capacidades de criar a experiência que se está passando”.

Nesse sentido, para que as aulas de Educação Física na escola tenham sentido e significado será necessário a organização do trabalho pedagógico pelo docente, levando em consideração o contexto de ação e as experiências dos estudantes. Assim, consideramos necessário o docente conhecer o contexto social de seus estudantes, sabendo o quê e como organizar o cotidiano pedagógico das aulas de Educação Física.

Em síntese a teoria de John Dewey tem relevância por ter sido um dos primeiros autores a dar atenção para a capacidade de pensar dos estudantes. Esse autor reconhece a

educação como uma possibilidade de reconstrução da experiência. Para ele todo o conhecimento é construído com base na experiência adquirida.

Apresentamos também, para o debate, as contribuições do historiador inglês E. P. Thompson. Em sua obra “A miséria da teoria” (1981), encontramos de modo mais sistematizado, a concepção teórico-metodológica de Thompson sobre a categoria experiência.

A experiência, para Thompson (1981, p. 16-7) “surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo”. Isso significa que, “assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido”. Afirma que entre sujeito e objeto existe uma interação dialética no processo de construção do conhecimento que, segundo Thompson (1981, p.42) se constitui a partir de dois diálogos: “[...] primeiro, o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, de outro”.

Em síntese, a categoria experiência analisada por Thompson (1981) possibilita entender o sentido dos conhecimentos construídos no trabalho e, principalmente, no contexto social em que eles são produzidos. Esse autor apresenta importantes indicações para compreender os conhecimentos construídos no trabalho, considerando o contexto de ação, a materialidade, as condições objetivas e subjetivas, a experiência humana constituída individualmente e coletivamente pelos sujeitos sociais.

Expomos, ainda, as ideias do sociólogo François Dubet (1994), visto que, no livro “Sociologia da Experiência”, o autor demonstra sensibilidade às questões do mundo atual, contribuindo para a compreensão das experiências docentes e de socialização vivenciadas na contemporaneidade.

O conceito de experiência social elaborada por Dubet (1994, p. 11) abrange dois aspectos importantes: práticas sociais e as lógicas de ação. Para esse autor a noção de experiência indica simultaneamente um “objecto [*sic*] teórico e um conjunto de práticas sociais características da nossa sociedade”.

Para Dubet (1994), a noção de experiência pressupõe levar em conta as relações e mediações entre o sujeito e a sociedade.

Desse modo, em nossa perspectiva, algumas ideias de Dubet, se aproximam das de Thompson (1981), especialmente, quando Dubet (1994, 103-4) nos faz entender que a experiência deve ser construída pelo sujeito, a partir de suas práticas e relações sociais diante do mundo, entendendo que ela “não é expressão de um ser ou de um puro sujeito, pois que é socialmente construída”, visto que “é reconhecida por outros, eventualmente partilhada e confirmada por outros”. Em Thompson (1981, p. 17), a experiência dos sujeitos se constitui no processo de suas relações sociais. Em sua análise, reconhece que a experiência pode ser impulsionada por sujeitos, com os quais a experiência possibilita o diálogo. Desse modo, a experiência oportuniza “o diálogo entre o ser social e a consciência social”.

Para Dubet (1994, p. 113), a experiência social deriva da articulação das três lógicas de ação, sendo, respectivamente, a lógica da integração, estratégia e subjetivação. “Cada actor [*sic*] social, individual ou coletivo, adota necessariamente estes três registros da ação que definem simultaneamente uma orientação visada pelo ato e uma maneira de conceber as relações com os outros”. Em síntese, na lógica da integração o ator é definido pelo seu pertencimento na comunidade. Já na estratégica, o ator é definido por seus interesses no mercado. Por fim, na lógica da subjetivação o ator é um sujeito crítico frente a uma sistemática de produção e dominação.

Algumas considerações a respeito da experiência que são fundamentais para Dubet (1994), também aparecem na obra de Dewey (2010, p. 39) na medida em que ele descreve que “[...] toda a experiência humana é fundamentalmente social”.

Acrescentamos, ainda, as contribuições de Josso (2004), em seu livro “Experiência de Vida e Formação”, em que a autora centra sua discussão na experiência formadora. Josso (2004, p. 47) caracteriza a “experiência formadora” como um conceito em construção, porque consiste na narração dos “processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem do ponto de vista dos adultos aprendentes a partir das suas experiências formadoras”, porque surge da capacidade do sujeito falar e escrever sobre sua história, estabelecendo sentido ao que foi e é vivido através dos significados individuais e coletivos.

Destacamos que Josso (2004, p. 48) faz uma distinção entre vivência e experiência. Para que uma vivência possa atingir o nível de experiência, é necessário realizar um trabalho reflexivo sobre o que aconteceu. A autora, ainda explica, que enquanto não se pensa sobre o vivido, temos vivências e que, a partir do momento em que fazemos o exercício de reflexão sobre essas vivências, passamos ao “status de experiências” em função da tomada de consciência que deriva de um processo reflexivo sobre como a vivência nos afetou.

Articulando experiência e formação, Josso (2004, p. 51) ressalta três modalidades de elaboração da experiência. A primeira que é “ter experiência” diz respeito a vivências de situações e acontecimentos que se tornaram significativos, porém sem termos provocado. A segunda o “fazer experiência” relaciona-se às vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos. E a terceira o “pensar sobre as experiências” diz respeito a um conjunto de vivências, tanto as que tivemos sem escolher, quanto as que provocamos e atribuímos sentido para se tornarem experiências.

É no conjunto de características próprias e diversas de experiências singulares que a realidade social se manifesta. Para Josso (2004, p. 54) essa relação entre o individual e o social deve ser entendida sob a forma de polaridade: de um lado, há a nossa interpretação – “auto-interpretação” – e, de outro, no diálogo com os outros, uma “co-interpretação”. A autora destaca que nos formamos humanos neste movimento dialético. É na polaridade das dimensões individuais e coletivas que vivemos a nossa humanidade.

Em síntese, para Josso (2004) as aprendizagens procedentes das experiências de vida devem também ser consideradas formadoras, desde que aconteça a sistematização reflexiva e crítica de saberes, dando sentido aos acontecimentos ocorridos na perspectiva da práxis. Entendemos práxis como um momento de conexão entre atividade teórica e prática. A prática deverá dar origem às teorias e essas fundamentarem as práticas. Sendo assim, ambas se realimentam mutuamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das contribuições apresentadas pelos autores é possível pensar que as experiências, as reflexões são consideradas necessárias à organização pedagógica na Educação Física, no contexto escolar, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo, que proporciona momento de formação do professorado. Esses momentos de formação docentes são aqueles desenvolvidos no exercício da docência, ou seja, construídos na experiência individual e coletiva.

## REFERÊNCIAS

- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). [diehl@tca.com.br](mailto:diehl@tca.com.br).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano. UFRGS. [lisgba@yahoo.com.br](mailto:lisgba@yahoo.com.br).